

ANTÔNIO DA FONTOURA XAVIER DIPLOMATA E ESCRITOR*

JOSÉ CARLOS BRANDI ALEIXO 

RESUMEN

Ancestrales, nacimiento y formación de Fontoura Xavier. Misiones diplomáticas en: Cuba, América Central, Panamá, México, España, Gran-Bretaña y Portugal. Trabajos publicados en numerosos periódicos. Ediciones del libro ‘Opalas’, con más de 100 poesías. Comentarios de Alfredo Bosi, Antônio Cândido, Regina Zilberman, Rubén Darío y José Santos Chocano (traductor de ‘Opalas’ al español). Homenajes póstumos.

Palabras clave

Fontoura Xavier, ancestrales, formación, diplomático brasileiro, Brasil, Caribe, escritor brasileiro, Ruben Darío.

ABSTRACT

Fontoura Xavier’s Ancestors, birth and education. Diplomatic missions in: Cuba, Central America, Panama, Mexico, Spain, Great-Britain and Portugal. Published works in numerous periodicals. Editions of the book ‘Opalas’, with more than 100 poetries. Comments of Alfredo Bosi, Antônio Cândido, Regina Zilberman, Rubén Darío and José Santos Chocano (‘Opalas’ translator into Spanish). Posthumous Homages.

Key words

Fontoura Xavier, ancestors, education, Brazilian diplomat, Brazil, Caribe, Brazilian writer, Ruben Darío.

* Artículo recibido Marzo de 2011; Aprobado Mayo de 2011. Artículo de investigación científica
 Profesor emérito de la Universidad de Brasilia. Ex-Profesor del Instituto Río Branco (Academia Diplomática de Brasil). Presidente de honor del “Instituto Brasileiro de Relações Internacionais”

I. Ancestrais, nascimento e formação

O fausto centenário da apresentação de credenciais de Antônio Vicente da Fontoura Xavier ao Presidente de Cuba, General José Miguel Gomez, ocorrida em 12 de outubro de 1910 — a primeira de um brasileiro na história das relações entre os dois países — é ocasião propícia para um estudo sobre a vida e obra desse eminente diplomata e escritor.

Em suas memórias, João Neves da Fontoura (1889, Cachoeira do Sul – 1963, Rio de Janeiro), grande diplomata, político e escritor brasileiro ressalta:

A árvore genealógica dos Fontoura, no Brasil, está mais que bem estudada sobretudo por Aurélio Porto (1879, Cachoeira do Sul – 1945, Rio de Janeiro). Todos descendem de João Carneiro da Fontoura, natural de Chaves, que veio para o nosso país em 1737, indo morar no Rio Grande. Meu avô Fontoura era bisneto de João Carneiro. Os Fontoura são, assim, parentes uns dos outros.¹

1 Fontoura, João Neves da. **Memórias: Borges de Medeiros e seu tempo**. Vol. 1. São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre: Globo, 1958, p. 149 de 401 p. Na Península Ibérica, o núcleo urbano de Chaves foi elevado à categoria de município no ano 79 d.C., no tempo do Cesar Tito Flavio Vespasiano. Em 1801 possuía cerca de 31 mil habitantes. Essa cidade no norte de Portugal forma com sua vizinha espanhola Verín uma eurocidade.

Entre os vários antepassados ilustres do nosso diplomata e poeta, merece particular relevo seu avô materno Antônio Vicente da Fontoura (1806-1860). Nascido na Vila de Rio Pardo (RS), fixou-se, por volta de 1826, em Cachoeira do Sul e aí se destacou no comércio e na vida pública. Em 1829 casou-se com Dona Clarinda Francisca Pôrto². Teve papel destacado na Revolução Farroupilha (1835-1845), inclusive como Ministro da Fazenda da República Rio-Grandense, em 1841. Como emissário da República Rio-Grandense, foi escolhido por unanimidade para negociar com o Governo Imperial o fim das hostilidades. No Rio de Janeiro foi recebido por Ministros de Dom Pedro II e assinou o Tratado de Paz. Foi denominado com justiça “Embawixador dos Farrapos”³.

Aurélio Porto assim resume seu conceito sobre Antônio Vicente da Fontoura:

Vida austera, cheia de ensinamentos, alma extraordinária de puritano, caráter inatingível, infirmitade de homem superior, quer dirigindo, com parte saliente, os negócios da República, quer fazendo da paz o mais memorável dos acontecimentos políticos de todo

2 Originais de cartas suas dirigidas à esposa encontram-se no acervo do museu Júlio de Castilhos, em Porto Alegre.

3 Schuh, Angela Shumacher et. al. **Antônio Vicente da Fontoura: o Emissário da República Rio Grandense**. Cachoeira do Sul: Editora Coopecom, 5 ago. 1985, 10 p.

o País, quer dirigindo seu partido — que nem por meio do crime era vencido — Antônio Vicente da Fontoura destaca-se no Rio Grande do Sul como poucos.

A história há de um dia colocá-lo no pedestal que merece quando, estudada à luz da verdade a sua grande vida de mártir, transparecer clara e brilhante na nebulosidade dos tempos, essa figura admirável de homem e de patriota.⁴

Avô paterno de Antônio Vicente da Fontoura Xavier e veterano da Campanha na Península Ibérica, Antônio Xavier da Silva radicou-se no Rio Grande do Sul em 1808. Os pais de Antônio Vicente foram Clarinda Amália da Fontoura (Lindoca) e o Major Gaspar Xavier da Silva, fazendeiro no distrito de Caparré, em Cachoeira do Sul.

Em 7/6/1856, Antônio Vicente da Fontoura Xavier nasceu no município de Cachoeira do Sul, RS⁵. Após

estudos iniciais na cidade natal e em Porto Alegre, frequentou, no Rio de Janeiro, o colégio Barão de Tautphoeus, antigo Colégio Marinho, e a Escola Central. Em 1876, em São Paulo, ingressou na famosa Faculdade de Direito. Por motivo de saúde, retornou ao Rio de Janeiro em 1877 sem concluir seu curso superior. Em 1892 casou-se com a baiana, descendente de ingleses, Ana Sofia Mee, conhecida como “Baby Mee”. Deles é a filha Ana Margarida da Fontoura Xavier.

II. Vida consular e diplomática

O fato de Fontoura Xavier abraçar e professar pública e mordazmente ideais republicanos não impediu que iniciasse no Império sua vida de funcionário do Brasil no exterior. Serviu consecutivamente nos consulados de Baltimore (1885), Porto (1891), Genebra (1893), Buenos Aires (1893-4) e Nova York (1894-1906).

Fontoura Xavier foi um dos membros da Delegação do Brasil na 3ª Conferência Internacional Americana que ocorreu no Rio de Janeiro em julho e agosto de 1906. Esta experiência, assim como a de Cônsul do Brasil em Nova Iorque, ampliaram seus conhecimentos relacionados com os povos e governos do Caribe.

4 Resumo histórico. In: PORTO, Aurélio. **Relatório de estatística apresentado ao Intendente Isidoro Neves da Fontoura**, 20 set. 1910, p. 13 de 104 p.

5 CORRÊA, Lile. **Cachoeira do Sul RS Capital Nacional do Arroz**. Segunda-feira, 4 fev. 2008. Disponível em: <<http://guinnessbrasil.blogspot.com/2008/02/cachoeira-do-sul-rs-capital-nacional-do.html>>. Acesso em: 16 dez. 2010. Ver também: ORTIZ, Mírian da Silva. **Fontoura Xavier: resgatando as origens**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2008, Cap. XIV

(Personagens históricos — 14.1 Antônio Vicente da Fontoura Xavier), p. 131-138.

Missão em Cuba, America Central e Panamá. Pelo Decreto nº 1.561, de 10/11/1906, assinado pelo Presidente Afonso Augusto Moreira Pena e pelo Ministro de Relações Exteriores José Maria da Silva Paranhos, o Barão do Rio Branco, o Brasil criou uma Legação em Cuba também incumbida das repúblicas de Costa Rica, El Salvador, Honduras, Nicarágua e Panamá. Em 13/12/1906 Fontoura Xavier foi designado para ser o Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário (EEMP) do Brasil junto a esses seis países e, a partir de 16/1/1908, também ante o Governo da Guatemala. Fontoura Xavier foi dos poucos diplomatas brasileiros, se não o único, a ser o primeiro a apresentar credenciais junto a Governos de sete países, a saber: Panamá (22/5/1907), Nicarágua (12/6/1907), Costa Rica (21/6/1907), El Salvador (14/9/1907), Honduras (30/9/1907), Guatemala (12/1/1909) e Cuba (12/10/1910). É relevante realçar que dos primeiros representantes destes sete Estados somente os de Guatemala (Eduardo Poirier⁶, 29/12/1905) e de Cuba (Manuel Marquez Sterling y Loret de Mola⁷, 15/1/1910) apresentaram cre-

denciais junto ao Governo do Brasil antes que o do Brasil o fizesse nas cidades de Guatemala e de Havana.⁸

Missão no México. Fontoura Xavier foi nomeado em 15/7/1910, em Missão Especial, EEMP, para representar o Brasil nas festas do Centenário da Independência do México⁹. Em 3/9/1910, os representantes especiais

13/1/1909, o então Chefe da Representação do Brasil em Washington, Joaquim Nabuco, assistiu, como Embaixador Extraordinário e Ministro Plenipotenciário, em Missão Especial, à restauração do Governo Nacional em Cuba, no dia 28/1/1909, quando José Miguel Gómez assumiu a Presidência da República. Manuel Marquez Sterling (1872-1934), representou seu país também no Peru, no México e nos Estados Unidos. Foi membro das delegações de Cuba, à 5ª Conferência Internacional Americana de 1923 em Santiago do Chile e à 6ª em Havana, em 1928.

8 O livro **O Brasil e a América Central**, do autor do presente trabalho, publicado em Brasília em 1984 pela Câmara dos Deputados apresenta, no anexo IX, a “Relação dos Chefes de Missões Diplomáticas do Brasil na América Central” e no anexo X a “Relação dos Chefes de Missões Diplomáticas dos países Centro-Americanos junto ao Governo do Brasil”.

9 Em 15/9/1810, o Padre Miguel Hidalgo y Costilla, pároco na aldeia de Dolores, fez dobrar os sinos e organizou um levante armado contra as autoridades espanholas do Vice-Reinado do México (Nova Espanha). Em março de 1825, em Londres, o Governo do México reconheceu a independência do Brasil. Houve, então, troca de Notas entre o mexicano José Mariano Michelena e os brasileiros Caldeira Brant e Gameiro Pessoa. PALÁCIOS, Guillermo. **Intimidades, Conflitos e Reconciliações: México e Brasil, 1822-1993**. São Paulo: Edusp, 2008, p. 22 de 487 p.

6 Chileno, nascido em Valparaíso, em 1860, foi escritor e diplomata. Publicou com seu amigo Rubén Darío, em 1887, a novela **Emelina**. Representou Guatemala no Terceiro Congresso Científico Latino Americano ocorrido no Rio de Janeiro em 1905. Sendo EEMP da Guatemala junto ao Governo do Chile, e aí residindo, representou, concomitantemente, o mesmo país centro-americano no Brasil até 1928.

7 O Brasil reconheceu a independência de Cuba em 24/7/1902. Designado aos



Apresentação de Credenciais de Fontoura Xavier ao Presidente de Cuba General José Miguel Gómez. “La Recepción de Ayer”. *Diário de La Mañana*. Habana, Cuba, jueves, 13 oct. 1910

da Itália, da Alemanha e do Brasil foram recebidos no porto de Vera Cruz com estrondos de canhão e ecos marciais de bandas de música.¹⁰ Em 6 de setembro, Fontoura Xavier entregou sua credencial ao Presidente Porfirio Dias.¹¹ Em seu discurso dirigido a

Embaixadores e Ministros, o Chefe de Estado do país asteca referiu-se especialmente aos EUA, ao Brasil e à Argentina. Muito importante foi a presença do navio-escola Benjamin Constant nas festas do centenário.¹² Com cadetes alemães e argentinos, uns trinta segundos-tenentes brasileiros alojaram-se na escola militar do México. Cerca de 200 cadetes brasileiros participaram da parada de 16/9. No dia 19/9, Fontoura Xavier ofereceu memorável banquete ao governo mexicano. Compareceram altas autoridades astecas, assim como diplomatas e oficiais militares, quer residentes no México, quer em missão especial por motivo do centenário, num total de 118 pessoas¹³. Na coluna “Notas Editoriais” do **El Diario**, de 21/9/1910, saiu o artigo “El Brasil y la República Mexicana”. Comentou comprazido a presença do Brasil nas festas do Centenário e concluiu: “Eso prueba que por encima de todos los vínculos materiales y a pesar de la distancia que nos separa, las dos

10 El Imparcial. México, domingo, 4 set. 1910.

11 “Recepción Diplomática”. *Diário Oficial*. México: Secretaria de Relaciones Exteriores, Poder Ejecutivo, martes, 6 sept. 1910. Fontoura Xavier foi nomeado 1º Secretário da Missão Especial do Brasil no México em 14/9/1901 e exonerado em 20/12 do mesmo ano. Na capital asteca ocorreu a Segunda Conferência Internacional Americana de 22/10 a 31/1/1902. Fontoura Xavier representou o Brasil no Congresso Postal realizado no México em 1906. **Diário Popular**, 7 jun. 1911. Apud XAVIER,

Antônio Vicente da Fontoura. **Opalas**. Edição organizada por Regina Zilberman. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1984, p. 122 de 130 p.

12 “El Crucero Benjamin Constant en las fiestas del centenario”. **El Imparcial**. México, quinta-feira, 18 ago. 1910. O mesmo jornal informa no seguinte dia 21: “Vienen a México los cadetes brasileños”. O navio brasileiro esteve nos portos de New Castle e Nova York antes de chegar a Vera Cruz.

13 Em discurso, o Ministro brasileiro afirmou: “Se a eterna vigilância é o preço da liberdade, a eterna negligência é o custo da servidão”.

Grandes Repúblicas latinoamericanas han formado un convenio tácito de amistad y de confraternidad”.¹⁴ A leitura dos telegramas oficiais assinados por Fontoura Xavier, sobre sua Missão Especial no México em setembro de 1910, comprovam sua seriedade, competência e brio profissionais. Teve ele o cuidado de anexar numerosos recortes de jornais mexicanos com notícias e comentários sobre o histórico evento.¹⁵ Em 1911 Fontoura Xavier foi o EEMP do Brasil junto ao Governo do México.

Missão na Espanha. Fontoura Xavier foi transferido do México para Madri em 1912.

Missão na Grã-Bretanha. Desde 20/5/1914 Fontoura Xavier chefiou Representação do Brasil junto ao Governo da Grã-Bretanha.¹⁶ Aos 31/5/1917 Fontoura Xavier apresentou, em nome do Governo do Brasil, condolências à família Rothshield pelo falecimento do Barão Leopoldo

Rothshield.¹⁷ Por nota do seguinte 4 de junho Fontoura informou o Governo de Londres que o Brasil deixou sua atitude de neutralidade no conflito mundial. Em 26/10/1917 o Presidente do Brasil anunciou o Estado de Guerra com a Alemanha. Após o armistício entre Inglaterra e Alemanha, conseguiu a libertação de José Patrocínio Filho (1885-1929), que, em 1917, havia sido condenado à morte na forca, sob a acusação de espionagem a favor de Berlim. Fontoura Xavier e José Patrocínio (pai) foram contemporâneos no Rio de Janeiro e vários jornais cariocas publicaram artigos de ambos.

Missão em Portugal. Em outubro de 1919 Fontoura Xavier foi nomeado para chefiar a Representação do Brasil em Lisboa. No dia 17 de outubro ele foi considerado “Persona Grata” pelo Governo português.¹⁸ Em 1921 tornou-se o primeiro diplomata brasileiro a receber o título de Embaixador junto ao Governo de Portugal. Aos 31/3/1922 Fontoura Xavier faleceu em Lisboa¹⁹, quando estava prepa-

14 “El Brasil y la República Mexicana”. *El Diario*. México, miércoles, 21 sept. 1910.

15 O esplendor e o clima fraterno das comemorações não facilitavam uma correta avaliação da força crescente dos mexicanos inconformados com o longo regime autoritário do país. Porfírio Dias, após mais de três décadas de Presidência, renunciou em maio de 1911 e faleceu exilado em Paris em 1915.

16 “Foi removido da Legação Madri para a Legação em Londres Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário, Sr. Antônio da Fontoura Xavier”. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, ano 88, n° 141, p. 6, 22 maio 1914.

17 *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, ano 91, n° 151, capa, 1 jun. 1917.

18 *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, ano 93, n° 289, capa e p. 3, sábado, 18 out. 1919.

19 “Morre em Lisboa o Embaixador Fontoura Xavier”. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, ano 96, n° 90, capa e p. 3, sábado, 1 abr. 1922. A árvore genealógica do Embaixador, com as respectivas armas, está registrada na Biblioteca Nacional de Lisboa (Manuscrito n° 377). O artigo de Julio Heinzleemann Petersen “Antonio da

rando uma grande comemoração do Centenário da Independência do Brasil, que ocorreria no seguinte 7 de setembro.



Embaixador Antônio Vicente da Fontoura Xavier, [em Lisboa], com dedicatória de 21/1/1921 a dois sobrinhos

III. Vida Literária

A diversificada produção literária de Fontoura Xavier abrange: 1. escritos em numerosos periódicos, tais como:

Fontoura Xavier: Um Poeta Ilustre e Sua Obra “ (**Correio do Povo**. Porto Alegre, ano 84, nº 207, sábado, 9 jun. 1979, Caderno de Sábado, p. 16. Capa final), inclui palavras do conceituado escritor português Júlio Dantas sobre Fontoura Xavier.

Besouro,²⁰ **Gazeta de Notícias**,²¹ **Jornal do Comércio**,²² **Repórter**, **Revista Americana**,²³ **Revista Brasileira**,²⁴ **Revista Ilustrada**,²⁵ **A Semana**,²⁶ **Almanaque Popular Brasileiro**,²⁷ etc.;
2. o folheto **O Régio Saltimbanco**;
3. o livro **Opalas**, com mais de cem

20 **Besouro**, 1878-1879. Semanário ilustrado por Bordalo Pinheiro e redigido por José do Patrocínio.

21 **Gazeta de Notícias**, 1875-1877. Diário fundado por Ferreira de Araújo, Manoel Carneiro e Elísio Mendes

22 **Jornal do Comércio** (Cachoeira do Sul). Publicou poesias suas em 1919 e 1923. Encontram-se no acervo do Museu Municipal de Cachoeira do Sul, RS.

23 **Revista Americana: publicação científica, artística e literária**, set./out. 1878. Nela colaboraram também Alberto D’Oliveira e José do Patrocínio. Outra **Revista Americana** circulou de 1909 a 1919, na qual Fontoura Xavier publicou um artigo que será comentado mais adiante.

24 **Revista Brasileira**. Houve vários periódicos com este nome. Fontoura Xavier foi um dos colaboradores da que circulou no Rio de Janeiro de 1879 a 1881, editada por N. Midos. Houve dez volumes. Nela saíram da autoria de Machado de Assis, em primeira mão, “As Memórias Póstumas de Brás Cubas”, e, em dezembro de 1879, o artigo de crítica intitulado “A Nova Geração” (**Revista Brasileira**. Rio de Janeiro, Primeiro Anno, tomo II, p. 373-413, 1º dez. 1879), que comenta escritos de Fontoura Xavier.

25 **Revista Ilustrada**, 1876-1998. Acolheu os simbolistas desde 1890.

26 **A Semana**. Janeiro de 1885 a junho de 1895.

27 **Almanaque Popular Brasileiro**. 1894-1908, organizado por Alberto Ferreira Rodrigues.

composições poéticas; 4. o estudo acadêmico sobre **A História da Diplomacia Europeia pelo antigo Embaixador D. J. [David Jayne] Hill**, publicado na excelente **Revista Americana**, Rio de Janeiro, [volume] VII, jan./fev./mar., p. 185-199, 1912; 5. discursos, ofícios, relatórios e telegramas, exarados no serviço exterior do Brasil.

Com Artur Azevedo (1855-1908) e Aníbal Falcão, fundou **A Gazetinha**, em 1880.²⁸ Em Porto Alegre redigiu **A Federação**, com Assis Brasil, Júlio de Castilho, Ramiro Barcelos, Venâncio Ayres, e outros.

Dedicou poesias suas a renomados escritores, tais como: Afonso Celso Júnior, Aluísio de Azevedo, Barros Cassal, José do Patrocínio, Lopes Trovão, Luiz Delfino, Mariano de Oliveira, Silvestre de Lima, Teófilo Dias, Urbano Duarte e Valentim Magalhães. Conviveu também com, entre outros, Lúcio de Mendonça, Ezequiel Freire, Carvalho Júnior e Múcio Teixeira.

Artur Azevedo dedicou a Fontoura Xavier a comédia, em um ato, **A Pele do Lobo**, “escrita em 1875 e representada pela primeira vez no Rio de Janeiro, no Teatro Fênix Dramática, em 10/4/1877”.²⁹

28 **A Gazetinha**. Circulou, em três fases, de novembro de 1880 até 15/4/1883. SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 246 de 506 p.

29 AZEVEDO, Artur. **A Pele do Lobo** (co-

Distinguiu-se como tradutor de famosos autores, tais como: Charles Baudelaire (**Spleen**), Edgar Allan Poe (**O Eldorado**), Heinrich Heine (**Intermezzos**), Jean Moreas (**Agha Veli e D. Ana**), Ramon de Campoamor (**Paulo e Francesca**), Thomas Foley (**A Guitarrilha**), e William Shakespeare (**Sonetos**).

Vale também ressaltar que composições suas foram editadas em outros idiomas. Assim o livro **Opalas**, com o título de **Ópalos** — traduzido ao espanhol pelo poeta peruano José Santos Chocano (autor do prólogo) —, foi publicado, em 1914, em Paris, como «Edición de la Librería Vda. de Ch. Bouret”. Segundo o Visconde de São Boaventura, seu poema **Brinde** foi editado em alemão, espanhol, francês, inglês e italiano.³⁰

Em 1877, aos 21 anos, Fontoura Xavier adquiriu notoriedade com a publicação de **O Régio Saltimbanco**. Vários comentaristas atribuíram o teor e o tom irreverentes aos ardores exacerbados da juventude do autor. Embora injusta em vários aspectos em relação a Dom Pedro II, a sátira deve ser entendida no contexto da discussão, frequentemente acalorada, entre os partidários da República

média). Tomo 1. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Artes Cênicas - Inacen, 1983, p. il. (Coleção Clássicos do Teatro Brasileiro, v. 7).

30 “Fontoura Xavier”. In: XAVIER, Antônio Vicente da Fontoura. **Opalas**. Edição organizada por Regina Zilberman. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1984, p. 13.

e os da Monarquia, como formas de governo. Em 1870 já havia no Brasil, um Manifesto, um Clube e um Jornal republicanos.

Escreveu José Paulo Paes:

Mas foi em 1877 que um jovem estudante gaúcho, Antônio da Fontoura Xavier, então cursando a Faculdade de Direito de São Paulo, num desses repentes de Jacobinismo em que é fértil a mocidade, deu à estampa **O Régio Saltimbanco** magro folheto no qual verberava, em alexandrinos clangorosos, a figura veneranda do Imperador, chamando-lhe: **Acrobata, truão, frascário, rei e mestre, D. Juan, Robert, Falstafe e Benoiton equestre**.³¹

O libelo recebeu prefácio encomiástico do ardoroso tribuno republicano Lopes Trovão. Mas Machado de Assis, com restrições amistosas, escreveu no memorável ensaio **A Nova Geração**:

Não digo ao senhor Fontoura Xavier que rejeite suas posições políticas; por menos arraigadas que lhas julgue, respeito-as. Digo-lhe que não se deixe abafar as qualidades poéticas, que exerça a imaginação, alteie e aprimore o estilo, e que não em-

pregue o seu belo verso em dar vida nova às metáforas caducas; fique isso aos que não tiverem outro meio de convocar a atenção dos leitores.³²

Notável poliglota, Fontoura Xavier compôs poesias, total ou parcialmente, em outros idiomas³³. São exemplos: **Rosita**³⁴, em espanhol, dedicada, no México, à filha do Embaixador peruano Calderón; e **Baby Toast**, em inglês.

32 ASSIS, Machado de. “A nova geração”. **Revista Brasileira**. Rio de Janeiro, Primeiro Anno, Tomo II, dez. 1879, p. 373-413. Esta crítica também se encontra em: ASSIS, Machado de. “A nova geração”. In: **Obra Completa**. Vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992 p. 822-824 de 1.198 p. Defesa de Fontoura Xavier foi feita pelo médico Fernando Dias Campos Neto, sobrinho bisneto do autor, em: AZEREDO, Iuri J. “Nome famoso, mas pouco conhecido, Fontoura Xavier era cachoeirense, baudelairiano, tradutor de Shakespeare e viajou o mundo entre os séculos 19 e 20”. **Y Otras Cositas Más**. [S.l.], 8 mar. 2009. Disponível em: <http://iuriaz.blogspot.com/2009/03/me-chamou-dias-atras-atencao-uma.html>. Acesso em: 20 set. 2010.

33 Falando de Fontoura Xavier, Rubén Darío disse: “Fontoura Xavier ha llegado a penetrarse de tal manera de la vida norteamericana, que su musa, que aprendió a cantar ‘donde canta el sabiá’, se expresa hoy con igual maestría portugués que en inglés. Esta es una notable particularidad, pues el dominio del verso es el extremo de la posesión de un idioma”. “Semblanzas”: “Fontoura Xavier”. In: **Obras Completas**. Tomo II [5 tomos]. Madrid: Ediciones de Afrodísio Aguado, 1950, p. 859.

34 A poesia “Rosita” encontra-se em: XAVIER, Antônio da Fontoura. **Opalas**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1984, p. 97-98.

31 “O régio saltimbanco”. In: PAES, Jose Paulo. **Armazém Literário: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 144-181 de 373 p. Observa o mesmo autor que “é próprio do tempo aparar as arestas e espiritualizar as linhas mais grosseiras da realidade histórica”, p. 145.

Fontoura usou vários pseudônimos, tais como: Pereira Lemos, Poff e A.X.

Muitos autores comentaram a obra de Fontoura Xavier. Merece particular destaque o nome da professora Regina Zilberman, que organizou primorosamente, em 1984, a “quinta” edição de **Opalas**, publicada inicialmente cem anos antes em Porto Alegre. O volume de 130 páginas contém, da lavra da organizadora: apresentação; nota bibliográfica; o estudo **Fontoura Xavier: sua época e seus poemas**; 181 notas explicativas; sugestões de atividades de pesquisa; bibliografias sobre o autor (33 referências); e bibliografia consultada (31 referências). Enriquecem também o livro: a introdução de Aníbal Falcão, de 1884; o estudo **Fontoura Xavier**, do Visconde de São Boaventura; e várias referências críticas na imprensa, inclusive uma de Machado de Assis. A professora Regina Zilberman cita as seguintes edições da obra **Opalas**: a de 1884, dedicada à memória do pai do poeta e publicada em Pelotas e Porto Alegre pela Editora Carlos Pinto; a de 1905, dedicada à memória dos pais do poeta e publicada em Lisboa pela Editora Viúva Tavares Cardoso; a de 1928, publicada no Rio de Janeiro pela Gráfica Sauer, com estudo de Rubén Darío escrito em Madri em junho de 1912 (p. 199-209), e com o Prólogo de José Santos Chocano para a tradução castelhana **Ópalos**.³⁵

35 XAVIER, Antônio Vicente da Fontoura. **Opalas**. Edição organizada por Regina Zilberman. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul,

Em 1979, o bibliófilo gaúcho Júlio Petersen (1918-2002) elaborou o esmerado texto “Antônio da Fontoura Xavier: um poeta ilustre e sua obra”³⁶. Além de valiosas informações sobre a produção literária de Fontoura Xavier, contém eloquente página de saudade do famoso poeta e teatrólogo lusitano, Júlio Dantas (1876-1962).³⁷ Diz o mesmo autor sobre a hipotética edição de **Opalas** de 1922:

Embora mencionada em distintos artigos e em algumas obras, até a data presente não conseguimos localizar um único exemplar desta publicação. A origem desta possível (!) edição é atribuída ao artigo inserido na **Revista da Semana**, do Rio de Janeiro, exemplar de 20/05/1922, onde se acha anunciado o lançamento, para breve, de 3ª edição preparada pelo autor, provavelmente o responsável financeiro junto à editora. Morria Fontoura Xavier, em Lisboa, a 1º de abril de 1922, sendo assim, possivelmente sem patrocinador, percia também o intento desta publicação, razão pela qual sua inexistência em livrarias e bibliotecas especializadas. Este é o meu julgamento e opinião

1984, p. XIII e XIV.

- 36 **Correio do Povo**. Porto Alegre, 9 jun. 1979, Caderno de Sábado, p. 16 (última capa).
- 37 Sobre a personalidade de Julio Heinzle-mann Petersen, ver: VICILI, Mariana. “PUC-RS adquire acervo de Julio Petersen”. **PUC-RS Informação**. Porto Alegre, n. 127, p. 37, nov./dez. 2005.

sobre esta edição, até hoje desconhecida.

De modo geral e em grau e frequência variáveis, os comentaristas assinalam na obra de Fontoura Xavier a presença dos seguintes elementos: republicanismo, antirromanticismo, cosmopolitismo, crítica das injustiças sociais, positivismo, poesia científica e libertária, evolucionismo, parnasianismo e realismo³⁸.

Vale a seguinte citação: “A passagem do estilo romântico para o realista é dada pela poesia científica e libertária de Silvio Romero, Fontoura Xavier e Valentim Magalhães. Instala-se o realismo com sua vertente naturalista, tentando corrigir a espiritualização excessiva.”³⁹

Escreveu Antônio Cândido:

38 Talvez certas imagens incorretas de Deus recebidas por Fontoura Xavier no decorrer dos anos tenham influenciado sentenças suas que questionam sua existência. Possivelmente, outrossim, um imperfeito conhecimento da hagiografia explique certas afirmações, como as presentes no poema **O Velho Deus**, que ignoram o trabalho de numerosos santos junto aos enfermos e aflitos. Na análise da obra literária de Fontoura Xavier, cabe a observação do grande Horácio: “Pictoribus atque poetis quidlibet audendi semper fuit aequa potestas” (“os pintores e os poetas sempre tiveram, da mesma forma, o poder de ousar o que quisessem”). HORATIUS FLAC-CUS, Quintus. **Epistula ad Pisones (Ars poetica)**, 9-10.

39 SOARES, Thiago Silva et. al. **Realismo e Modernismo**. Disponível em: <http://portalliterario.sites.uol.com.br/realismo.htm>. Acesso em: 21 set. 2010.

Fontoura Xavier foi talvez o mais interessante dos baudelairianos brasileiros. O seu livro *Opalas* (1884) contém uma primeira parte quase toda panfletária, *Musa Livre*, onde a marca de Baudelaire já aparece no poema *A Morte de Gerard Nerval*. A segunda, *Clowns*, é humorística e joga a semente do tipo de poesia frívola e funambulesca que cultivaria mais tarde (nela se encontra o citado *Roast-beef*). A influência de Baudelaire aparece em pelo menos oitos dos dezessete poemas da terceira parte, denominada *Ruínas*; sobretudo de uma espécie de transformação do tédio romântico, com laivos de perversidade que aguça o censo da decomposição do corpo e empurra a violência carnal para o lado do sadismo. Os aspectos mais dilacerantes da série sobre o spleen *As Flores do mal* já aparecem no soneto de abertura *Flor da Decadência*.⁴⁰

Diz Alfredo Bosi:

A ponte literária entre o último romantismo (já em Castro Alves e em Sousândrade⁴¹ marcadamente

40 “Os primeiros baudelairianos”. In: CÂNDIDO, Antônio. **A educação pela noite e outros ensaios**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1989, p. 35-38 (temas 1) de 244 p.

41 Joaquim de Sousa Andrade, mais conhecido por Sousândrade (Guimarães, Maranhão, 9/7/1833 — São Luís, Maranhão, 21/4/1902) foi republicano militante, escritor e poeta brasileiro. Formou-se em Letras pela Sorbonne, em Paris, onde fez também o curso de Engenharia de Minas.

aberto para o progresso e a liberdade) e a cosmo visão realista será lançada, como a seu tempo se verá, pela “poesia científica” e libertária de Silvio Romero, Carvalho Júnior, Fontoura Xavier, Valentim Magalhães e menores. De qualquer forma, só o estudo atento dos processos sociais desencadeados nesse período fará ver as raízes nacionais da nova literatura, raízes que nem sempre se identificam com a massa de influências europeias então sofridas.

Para Bosi, os mestres dessa objetividade eram: 1. Na França: Flaubert, Maupassant, Zola, Anatole, esses na ficção; os parnasianos na poesia; Comte, Taine e Renan, no pensamento e na história. 2. Em Portugal, em segunda plana, Eça de Queiróz, Ramalho Ortigão e Antero de Quental.⁴²

O mesmo autor inclui o nome de Fontoura Xavier na boa messe da nova poesia, observando: “presente em todos, além dos ritmos hugoanos, o ideário do grupo de Coimbra, cuja versão poética encontravam na **Visão dos Tempos**, de Teófilo Braga (1864) e nas **Odes Modernas**, de Antero de Quental”.⁴³ Bosi afirma que também os parnasianos “menores”, entre os quais Fontoura Xavier, merecem ser lidos, pois nem sempre se limitaram a repetir os modelos consagrados.⁴⁴

42 BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 181 de 528 p.

43 Idem, *Ibidem*, p. 244.

44 Idem, *Ibidem*, p. 257.

Reconhecidamente Fontoura Xavier atingiu alto patamar no domínio da métrica. A propósito, escreveu o Visconde de São Boaventura: “Quanto à forma, Fontoura Xavier é primoroso na versificação e brilhantíssimo no estilo, cheio de petulâncias, quase sempre felizes; ama a sonoridade dos ritmos e procura — para a vencer — a dificuldade da rima”.⁴⁵

Entre os muitos literatos estrangeiros e cosmopolitas amigos de Fontoura Xavier, ocupam lugar de destaque o nicaraguense Rubén Darío e o peruano José Santos Chocano.

O cenário do encontro do ilustre centro-americano com o diplomata brasileiro foi a 3ª Conferência Internacional Americana, ocorrida no Rio de Janeiro nos meses de julho e agosto de 1906. Ambos eram membros das Delegações de seus países.⁴⁶

45 BOAVENTURA, Visconde de São. “Fontoura Xavier”. In: XAVIER, Antônio Vicente da Fontoura. **Opalás**. Edição organizada por Regina Zilberman. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1984, p. 11.

46 A Delegação do Brasil era presidida por Joaquim Nabuco, Embaixador do Brasil junto ao Governo dos Estados Unidos. Em seu **Diário**, registra Joaquim Nabuco na data de 20/9/1905: “Jantar no St. Regis aos Fontouras com os Pederneras e os Chermonts [...]”. Estavam eles em Nova York. NABUCO, Joaquim. **Diários**. vol. II (1889-1910). Rio de Janeiro: Bem-ter-vi Produções Literárias; Recife: Editora Massangana – Fundação Joaquim Nabuco, 2005, p. 340 de 557 p (Organização de Lélia Coelho Frota; prefácios e notas de Evaldo Cabral de Mello). Na obra de

Pode-se afirmar que esse evento ilustra a interação entre as relações multilaterais e as bilaterais dos estados. Pela primeira vez o Brasil recebeu conjuntamente representações governamentais de dezoito nações, entre as quais as de Costa Rica, Cuba, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua e Panamá. E com estes países o Brasil começa relações diplomáticas bilaterais pelo Decreto nº 1.561, de 22 de novembro do mesmo ano de 1906.

O Rio de Janeiro gozava de ótimas condições para ser a anfitriã. Estava saneada graças a Osvaldo Cruz e sua equipe, que conheciam e admiravam o pioneirismo, no combate à malária, do médico e cientista cubano Carlos Finlay⁴⁷. Reformas urbanas melhora-

ram logradouros e praias. Pouco mais tarde, em 1907, o Brasil recebeu, por esta razão, durante Congresso Sanitário realizado em Berlim, medalha de ouro oferecida pela Imperatriz da Alemanha.⁴⁸ Fruto em grande parte do Chanceler Barão do Rio Branco, as dez fronteiras do Brasil estavam bem definidas. No Consistório de 11/12/1905, vale mencionar que o Papa Pio X criou Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, sendo ele o primeiro prelado da América Latina a receber tão elevada investidura.⁴⁹

É muito relevante o comentário do renomado autor mexicano Jaime Torres Bodet: “Rio de Janeiro fue un

Joaquim Nabuco **Cartas aos amigos** (vol. II, São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1949, 640 p.), há referência a uma carta dirigida a Fontoura Xavier, em 1/12/1905, p. 228-229.

47 Após a independência em 1822, a primeira grande epidemia de febre amarela chegou ao Rio de Janeiro quando um navio norte-americano, depois de passar por Havana, atracou no porto da capital do Brasil, em fins de 1849. Mas em 14/8/1881, o grande médico cubano apresentou à Academia de Ciências de Havana um mosquito chamado “Culex”, depois “Stegomii fasciata” e finalmente “Aedes Aegypti” como responsável intermediário necessário na transmissão da febre amarela. Em 1900 a tese científica de Finlay foi comprovada por rigorosas experiências. Ver: TEIXEIRA, Luiz Antonio. “Da transmissão hídrica à Culicidiana: a febre amarela na sociedade de medicina e cirurgia de São Paulo”. **Revista Brasileira de História, Ciência e Sociedade**. São Paulo, vol. 21, nº 41, p. 217-241, 2001. Um

exemplo concreto ilustra como o temor da febre amarela dificultava a presença de diplomatas estrangeiros no Rio de Janeiro. Em julho de 1890 o governo do México nomeou Juan Sánchez Azcona como representante do país ante as repúblicas sul-americanas do lado atlântico. Estando em Buenos Aires, retardou sua viagem ao Rio de Janeiro por causa da notícia de que nesta cidade grassava epidemia de febre amarela. PALACIOS, Guillermo. **Intimidades, Conflitos e Reconciliações**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 2008, p. 84 de 496 p. (Coleção Ensaio Latino-Americanos).

48 SILVA, Hélio; CARNEIRO, Maria Cecília Ribas. **Rodrigues Alves: Estadista de dois regimes, 1902-1906**. São Paulo: Grupo de Comunicação Três, 1983, p. 97-101 de 156 p. (Coleção Os Presidentes).

49 CARVALHO, Afonso de. **Rio Branco: sua vida e sua obra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995, p. 217-218 de 310 p.

oasis para Darío. Nabuco, Fontoura Xavier, Eliseo de Carvalho y otros escritores brasileños lo acogieron no solo con fraternal simpatía sino con respeto y con entusiasmo”.⁵⁰

Rubén Darío escreveu belo artigo sobre Fontoura Xavier. Nele se lê:

Conheci-o no Rio de Janeiro, na reunião da segunda Conferência Pan-americana⁵¹. Estava nesse meio intelectual brasileiro, que com justiça orgulhava, perante os estrangeiros, o nobre Embaixador Nabuco. No âmbito oficial foi dos meus amigos mais íntimos, juntamente com o grande novelista Graça Aranha e do ativo, vibrante, cordial e harmonioso Olavo Bilac. Fontoura Xavier ocupava na época o cargo de cônsul geral em Nova Iorque e acompanhava o Embaixador à Conferência [...] Afável, garboso, cerimonioso como quase todos os seus compatriotas cultos, o poeta granjeou de imediato a minha simpatia. Depois soube, e isto me cativou ainda mais, que o correto funcionário e o impecável diplomata, que prestou verdadeiros serviços a seu país, “foi, quando estudante, um rapaz endiabrado” [...] **Opalás** é um livro de elegância e harmonia e que mostra a inutilidade

e a inconsciência das modas literárias. Escrito em grande parte antes das moderníssimas correntes estéticas, que com tanto acerto estudou em seu país Elísio de Carvalho, lê-se hoje com o mesmo prazer que quando apareceu pela primeira vez. É que a forma e a maneira valem pelo que encerram do poder criador do poeta, pelo que vem de dentro, do fundo da alma. No verdadeiro poeta prevalece a vontade de eternidade. Por isso é que Luciano de Samosata [125-192], Píndaro [518-438 a.C.], o Arcipreste de Hita [1280-1350], Villon [1875-1963], Heine [1797-1856] e tantos outros, no plano superior da arte, serão sempre contemporâneos.⁵²

Um episódio relacionado com uma das agruras financeiras de Rubén Darío demonstra a admiração de Fontoura Xavier por ele. Amigo do General José Santos Zelaya, Rubén

50 TORRES BODET, Jaime. **Rubén Darío: Abismo y Cima**. México: Fondo de Cultura Económica – Letras Mexicanas, Universidad Nacional de México, 1966, p. 192 de 361 p.

51 Trata-se da 3ª Conferência Internacional Americana.

52 DARÍO, Rubén. “Fontoura Xavier”. In: Presença do Brasil na obra de Rubén Darío. Organização de Ernesto Gutiérrez. Brasília: Embaixada da Nicarágua, 1985, p. 26-30. Angel Augier, no livro **Cuba en Darío y Darío en Cuba** (La Habana, Cuba: Editorial Letras Cubanas, 1989, 339 p.), informa que “Darío le dedicó un artículo encomiástico ‘Diplomáticos Poetas: Fontoura Xavier’, que publicó **El Figaro**. La Habana, [Cuba], año XXVII, n. 14, p. 214, 1911” (AUGIER, Angel. **Cuba en Darío y Darío en Cuba**. La Habana, Cuba: Editorial Letras Cubanas, 1989, p. 239). DARÍO, Rubén. “Fontoura Xavier”. In: *Semblanzas*. Madrid: Ediciones de Afrodísio Aguado, 1950, p. 865. (Obras Completas, tomo II, p. 857-865, de um total de 5 tomos).

Darío foi nomeado por seu sucessor na Presidência da Nicarágua, Doutor José Madriz, para representar seu país nas festividades do centenário da Declaração da Independência do México, em setembro de 1910. Após a deposição do Presidente, apoiada pelo Governo dos Estados Unidos, a designação foi cancelada. Darío viajou de Havana à cidade mexicana de Vera Cruz, mas não pôde ir à capital do país. Regressou à Havana. No dia 8/11/1910, véspera de seu embarque em Havana, no navio alemão Ipiranga, com destino ao porto francês do Havre, Darío encontrava-se em apuros para o pagamento da passagem. Conta Osvaldo Bazil, cônsul da República Dominicana na capital cubana:

[Darío] pule admirablemente una breve carta para Fontoura Xavier, como Cellini su joya predilecta [...]. A las nueve de la mañana lo encontré en **El Fígaro**⁵³, esperando nervioso, intranquilo, la llegada de Carrasquilla⁵⁴, portador de la carta de Fontoura Xavier. El pasaje estaba ya apartado para el vapor en puerto, que debía partir a las dos de la tarde. Como Carrasquilla tardaba, Rubén disparaba nuevos cables

a Europa, con el carácter de urgentísimos. Aparece, por fin, el cordial y talentoso Carrasquilla vencedor, en toda la línea. Fontoura remitía al poeta quinientos dólares y una fina esquela, lamentando no ser más extenso en la dádiva que tanto honor le proporcionaba.⁵⁵

Diz Rubén Darío em sua autobiografia:

Se me concluyeron en aquella ciudad carísima los pocos fondos que me quedaban y los que llevaba el enviado del mismo Sierra⁵⁶... pude, después de dos meses de ardua permanencia, pagar crecidos gastos y volverme a Paris, gracias al apoyo pecuniario del diputado mexicano Pliego, del ingeniero Enrique Fernández, y, sobre todo, a mis cordiales amigos Fontoura Xavier, ministro del Brasil, y general Bernardo Reyes, que me envió por cable, de Paris, un giro suficiente.⁵⁷

Conhece-se o amigo certo na hora incerta.

53 Nome de importante jornal cubano da época.

54 Eduardo Carrasquilla Mallarino nasceu em Bogotá, em 1887, e faleceu em Buenos Aires, em 1925. Para Darío, ele era “el Quevedo Americano”. Cônsul do Panamá em Cuba em 1910, era casado com a escritora cubana Mercedes Borrero y Pierra (1892-1980).

55 AUGIER, Angel. **Cuba en Darío y Darío en Cuba**. La Habana, Cuba: Editorial Letras Cubanas, 1989, p. 242 e 243. O autor cita: BAZIL, Osvaldo. Como era Rubén Darío. In: **Vidas de iluminación**. Habana, Cuba: J. Arroyo, 1932, 76 p. (Conferencia pronunciada en el Lyceum de Señoritas el día 11 de marzo); y en: **Rubén Darío y sus amigos dominicanos**. Bogotá: Ed. Espiral, 1948, p. 163 de 284 p.

56 Justo Sierra (1848-1912) foi notável escritor, pedagogo e político mexicano.

57 DARÍO, Rubén. **Autobiografía**. Managua: Ediciones Internacionales, 2002, p. 136 de 140 p.

Outra manifestação do apreço de Rubén Darío por Fontoura Xavier é a bela poesia intitulada “La Niña Anna Margarida da Fontoura Xavier, hija del Ministro del Brasil”,⁵⁸ composta em Paris em 1912.

Testemunho também eloquente sobre Fontoura Xavier é o do poeta José Santos Chocano (1875-1934).⁵⁹ Em 1909, no início do prólogo da tradução, que ele mesmo elaborou, da obra **Opalas** — com o título em espanhol de **Ópalos** — escreveu:

Quando Rubén Darío enarboló, como epígrafe de sus hexámetros al Águila norteamericana, el primer verso del canto a la misma que, en años anteriores, diera al público latino el poeta brasileño Fontoura Xavier, no podía imaginarse que, en la misma época yo andaba en tierras de Centro América y vendría mi diestra a estrechar la del noble compañero.

58 **Revista Americana**. Rio de Janeiro, Tomo II, Fasc. 1, p. 641. abr. 1912. Com o título de “Balada de la Bella Niña del Brasil”, encontra-se em: DARÍO, Rúben. **Obras Completas – Poesias**. Buenos Aires: Ediciones Anaconda, 1948, 410 p. Manuel Bandeira traduziu essa poesia como “Balada da Linda Menina do Brasil”. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 4 dez. 1941, Pensamento da América: Suplemento Pan-Americano, p. 7.

59 Nascido na capital do Peru, viveu também no México, Guatemala, Cuba, Porto Rico, Honduras, Colômbia, Estados Unidos e Chile, onde morreu. Diplomata, político e poeta, é autor de: **Alma América** (com prólogo de Rubén Darío); **Poemas Indo-Espanhóis**, de 1906; **Fiat Lux**, de 1908, etc.

La representación diplomática de su gran patria en las repúblicas ístmicas, me permitió conocer personalmente a Fontoura Xavier: su figura breve y nerviosa, sus ojos imperativos que confirman cuanto dicen sus labios, lo hacen un tipo recalcitrante de intelectual latino, que a poco de platicar se anima y pone en su mano de amigo un calor de sinceridad que le sale del corazón. Espíritu mundano en el buen sentido, juega con múltiples idiomas y se muestra acorazado con una sólida cultura tomada de todas partes: habla de cifras y de letras; y en el sabor de sus paliques, mezcla la fuerza de una educación práctica y la gracia de una idiosincrasia artística, que acusan al hombre de sus tiempos, flexible y complicado como una tabla pitagórica en que la verdad aparece bella.

Este tipo de poeta resulta ilógico para quienes añoran las melenas románticas y los, **deshabillés** bohemios; pero, la verdad, consuela un poco el ver que, en efecto, “un poeta puede servir para cuanto sirven todos los hombres y además, para hacer poesía, que no todos los hombres saben hacer.

Firmar un alegato, estipular un tratado, celebrar una transacción económica y entre los folios caligráficos de las documentaciones deslizar los pétalos sueltos de una poesía sincera, es vivir la verdad de la vida, sentirse pleno y producirse íntegro, abarcando zodiacalmente el giro incesante del mundo moderno. El poeta ha de ser múltiple como hombre: Dante es fi-

lólogo, Goethe naturalista, Hugo político, Camoens soldado, Espronceda financista.

Tal me complace reconocer que Fontoura Xavier tiene bien puesto su corazón de poeta y bien firme su cabeza de hombre.⁶⁰

Em carta de 1/12/1910 escrita na Guatemala, José Santos Chocano diz a Rubén Darío que obteve seu endereço através de Fontoura Xavier.⁶¹

Em 1900, o conhecido escritor argentino Martín García Merou coloca Fontoura Xavier entre 12 exemplos brasileiros de artistas distinguidos, de poetas refinados e pensadores eminentes de sua geração.⁶²

Sabidamente a Revista Americana, estampada de 1909 a 1919, foi no Brasil o periódico mais importante para fomentar o conhecimento do Brasil em outros países da América e vice-versa. Muitos dos maiores nomes literários da região enriqueceram-na com suas contribuições. É assim significativo que a Revista Americana tenha publicado o artigo de Fontoura Xavier “A História da Diplomacia Europeia pelo antigo Embaixador D. J. Hill”. Trata-se de um comentário ao livro do autor intitulado, no idioma original, “History of Diplomacy in the International Development of Europe, embracing A Struggle for Universal Empire (1905)”⁶³, desse diplomata norte-americano. Fontoura Xavier demonstra profundo conhecimento crítico do período (do ano 30 a.C. até 1318 da nossa era) analisado pelo diplomata norte-americano e também de épocas anteriores, desde os faraós do Egito. Ilustra com versos de Gonçalves Dias a mui antiga inviolabilidade do enviado governamental: “É sagrado entre nós guerreiro inerme. E mais sagrado mensageiro estranho”. Explana pormenorizadamente a hospitaleira e sagaz diplomacia de Bizancio. Comentando depois a evolução das repúblicas italianas, elogia a diplomacia de Veneza, que muito aprendeu no contato permanente com Bizancio. Veneza tornou-se conhecida como “a escola e a pedra de toque

60 XAVIER, Antônio da Fontoura. **Ópalos**. Tradução, ao espanhol, de José Santos Chocano. Paris: Librería de la Viuda. de Ch. Bouret, 1914, Prólogo, p. 1-8 de 167 p. Essa citação encontra-se também no final da edição em português, **Opalás**, de 1928. Rio de Janeiro: Gráfica Sauer, p. 211-217 de 222 p.; e na **Revista Americana**. Rio de Janeiro, vol. V, p. 334-341, jan./fev./mar. 1911. A mesma **Revista Americana** publicou também as poesias de Santos Chocano: “Noches Antiguas”, vol. IX, p. 338-341, jan./fev./mar. 1913; e “Oda Continental”, vol. XV, p. 58-67, jan./fev./mar. 1917.

61 GHIRALDO, Alberto. **El Archivo de Rubén Darío**. Buenos Aires: Lozada, 1943, p. 236 de 508 p. Colaboração de Pedro Henriques Ureña, no aspecto literário.

62 GARCÍA MEROU, Martín. **El Brasil Intelectual: impresiones y notas literárias**. Buenos Aires: Felix Lajouane, 1900, p. 3 de 10 p.

63 **Revista Americana**. Rio de Janeiro, vol. VII, p. 185-199, jan./fev./mar. 1912.

dos Embaixadores”.⁶⁴ Veneza logrou muito cedo organizar seus Arquivos: pactos ou tratados; “commemoriali” ou notas diversas; instruções preparadas pelo Estado; “avvisi” informando ocorrências; despachos dos agentes diplomáticos aos seus governos; conselhos sobre as ocorrências no exterior; relatórios de missões cumpridas. Ao final escreveu Fontoura: “tais são os pontos capitais debatidos com superioridade na obra do antigo Embaixador Americano, cuja importância registramos”.

IV. Considerações finais

Várias foram as merecidas homenagens prestadas a Antônio Vicente da Fontoura Xavier. Em 1902 ele foi constituído Patrono da Cadeira nº 14 da Academia Rio Grandense de Letras. Em 1955 o nome de Fontoura Xavier foi dado a uma das ruas de Cachoeira do Sul, sua cidade natal. Pela Lei 4.974, de 9/7/1965, foi criado o município de “Fontoura Xavier”, a 200 km de Porto Alegre.

Fontoura Xavier conseguiu ser emi-nente na Diplomacia e nas Letras, conforme os votos do grande Rubén Darío: “Aproveite meu bom amigo Fontoura a terra da América Central e faça bons tratados e muitos bons versos”.⁶⁵

64 Idem, *Ibidem*, p. 195.

65 DARÍO, Rubén. **Presença do Brasil na obra de Rubén Darío**. Organização de Ernesto Gutiérrez. Brasília: Embaixada da Nicarágua, 1985, p. 30 de 57 p.

Se não mais vezes, certamente em outubro de 1906, Fontoura Xavier regressou à sua cidade natal. Visitou-a na companhia do senador cachoeirense Ramiro Barcelos, e hospedou-se na casa do seu irmão, na rua 7 de setembro nº 9.⁶⁶ Era então Cônsul Geral do Brasil em Nova York. A viagem ocorreu após a Terceira Conferência Internacional Americana, realizada em julho e agosto de 1906 no Rio de Janeiro e na qual foi membro da delegação do Brasil. É eloquente o seguinte testemunho sobre Fontoura Xavier: “O insigne poeta, amigo e patrício não olvida jamais o seu modesto berço — Cachoeira — honrando-lhe de vez em vez a imprensa com valiosíssima colaboração, o que prova ser o seu coração tão delicadamente afetivo quão fino o seu espírito de eleição. Desvanecidos e gratíssimos pela magna oferta, aos nossos leitores recomendamos o magistral soneto ‘Imperator et rex’ do conterrâneo ilustre”.⁶⁷

66 AZEREDO, Iuri J. “Nome famoso, mas pouco conhecido, Fontoura Xavier era cachoeirense, baudelairiano, tradutor de Shakespeare e viajou o mundo entre os séculos 19 e 20”. **Y Outras Cositas Más**. [S.l.], 8 mar. 2009. Disponível em: <http://iuriaz.blogspot.com/2009/03/me-chamou-dias-atras-atencao-uma.html>. Acesso em: 20 set. 2010. Também Carlos Magalhães registrou essa viagem de Fontoura Xavier ao Rio Grande do Sul, transcrevendo em O Dia artigo publicado no Petit Journal (Porto Alegre, 10 out. 1906). Apud: XAVIER, Antônio Vicente da Fontoura. Opalas. Edição organizada por Regina Zilberman. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1984, p. 118 e 119 de 130 p.

67 **O Comércio**. Cachoeira do Sul, 1 jan. 1912.

Nem os pagos do Rio Grande do Sul esqueceram-se dele, nem eles saíram da memória de Antônio da Fontoura Xavier, como ilustram seus versos a seguir:

“ADEUS!”

*Antônio Vicente da Fontoura
Xavier*

Terras da pátria. Adeus. Adeus,
Terras da pátria! [...] E num momento
Não vimos mais que mar e céus.

Mas, nesse instante, a voz do vento,
Como acenando num lamento,
Chegou dizendo: Adeus! Adeus! [...]
E desde então, desse momento,
Não mais fitei o mar e os céus
Que não ouvisse a voz do vento,
Como acenando num lamento,
A soluçar no mesmo acento,
Adeus! Adeus! Adeus! Adeus! [...]⁶⁸

Como o Barão do Rio Branco —
“ubique patriæ memor” —, levou
sempre consigo a preocupação de
servir bem ao Brasil.

68 **Correio do Povo**. Porto Alegre, 1979, Caderno de Sábado, 16. Ver também: XAVIER, Antônio Vicente da Fontoura. “Adeus!”. **Internet Archive**, Full text of “Opalas”, nº 132. Disponível em: <http://www.archive.org/stream/opalas00boavgoog/opalas00boavgoog_djvu.txt>. Acesso em: 25 set. 2010.